

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 50\$00; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

Reincidindo no mesmo crime!

Agatão Lança, Cunha Leal e António Maria da Silva, no seu intuito de defenderem as deportações, discursaram como se fossem almas imaculadas, pombas brancas vivendo num outro mundo quasi imaterial, onde vivem entregues aos seus arrulhos cheios de candida ingenuidade. Agatão Lança parecia o lençário Magriço e não o que é um defensor tão desinteressado do dono de Portugal António Maria da Silva que conquistou pelo seu servilismo político um nicho esplendidamente escandaloso no Banco Ultramarino à sombra dum lei dos famosos esquerdistas que ele tanto odeia; Cunha Leal nem parecia o desordeiro permanente que ele tem sido na vida do país, o homem que fez a apologia do extermínio pela dinamite dos reis e dos tiranos, que tomou parte em várias revoluções, que serviu todas as ideias, a todas traíndo com o clássico cinismo dum ludas, que declarou ir com a guarda republicana buscar o dinheiro dos bancos levando-o para o Estado e que foi lá buscá-lo, sem tropa, para o meter na sua carteira; Cunha Leal nem parecia o director da *Noite* jornal que estampa na página de anúncios a confissão da sua vida de crápula, publicando anúncios de casas bancárias a que se vendeu, entre elas o Banco de Portugal, o Banco Nacional Ultramarino e o Banco do Minho; Cunha Leal nem parecia o defensor da pena de morte. António Maria da Silva esqueceu-se de que foi chefe da carbonária, de que foi um dos chefes da revolução de 14 de Maio em que morreram perto de 200 pessoas, na sua maioria alheias ao movimento, esqueceu-se de que tem preparado várias revoluções só para servir os seus interesses pessoais.

Estes três políticos, dois dos quais simbolizam a política da rapina e do ódio, esqueceram-se dos seus tremendos defeitos—defeitos que têm gerado muitos erros e feito correr muito sangue.

Se as deportações sem julgamento são uma monstruosidade, a sua defesa no parlamento por aqueles três homens foi outra. Começaram por apontar entre os deportados, alguns que acusaram de ter praticado vários atentados para tirarem dessa afirmação a conclusão de que a sua permanência na metrópole era perigosa para a conservação da actual sociedade. Pura comédia! Os que tal declararam sabiam perfeitamente que a polícia envidou os maiores esforços para pôr os indivíduos que eles citaram ao seu serviço como espíões, o que destruiu totalmente a afirmação de que a sua permanência na metrópole, perigava a sociedade. Isto sem contar que o argumento era estúpido e inconsistente, pois ninguém se capacitou que a segurança da sociedade se deve a essa meia dúzia de deportados. E os outros? os outros que são a maioria dos atingidos por essa medida de criminal repressão?...

Em Portugal vive-se, da guerra para cá, num grande desvario económico, num grande desvario político, num grande desvario moral. Tem-se praticado contra a população uma grande série de atentados e de crimes de toda a ordem. A sociedade burguesa tem sido uma sociedade de criminosos—*tout-court*. Sentindo-se sem autoridade para julgar deportou. Deportando, incorreu num novo crime, perpetrou uma nova iniquidade, fez mais alguns assassinatos. Os que foram deportados são vítimas desse ambiente de crime.

Fazê-los regressar à metrópole, significa também reprimir o crime—o crime das *Legiões Vermelhas* da política e da finança. Será possível que o ódio tenha enlouquecido os três homens que acima apontamos? Assim parece pela sua teimosa reincidência num crime que tem tanto de cobarde como de repulente.

Preparativos para uma outra farsa pacifista

GENEIRA, 22—Foi fixada para o dia 17 de Maio próximo, efectuando em Genebra, a conferência preparatória do desarmamento.

O conselho da Sociedade das Nações encarregou o seu presidente de enviar ao governo dos Soviéticos uma carta em que insistia pela participação voluntária da República na comissão da conferência. O referido conselho considerou impossível que a conferência do desarmamento se efectuasse fora de Genebra.—H.

A INVASÃO NEGRA

A Congregação de Santarém possui colégios em Cascais, Elvas, Evora, Viseu e Viana

Os reaccionários estão operando em Lisboa como em terra conquistada

A acção da viscondessa de Andaluz, superiora da Congregação da Nossa Senhora do Rosário de Fátima, é mais importante do que supúnhamos, quando iniciámos esta campanha. Instrumento dócil nas mãos do arcebispo de Evora, é uma criatura dumavontade indomável, cumprindo cegamente o que lhe determinam, não recuando diante do perigo nem atormentando a consciência com a prática dumavontade. D. Luísa de Andaluz opera sem hesitações, poupando, porém, cuidadosamente, o seu físico, porque isto de sacrifícios é bom para os outros, é bom para aquelas desventuradas que lhe caem nas mãos, e que ela maneja a seu belo talante sem haver escrúpulos que a detenham em escravizar os outros para a consecução dos objectivos da Santa Madre Igreja. Esta mulher é verdadeiramente perigosa: possui todas as características psicológicas que tornaram os jesuítas odiosos a todas as pessoas de bem.

Em seu rosto calmo, sanguíneo, sorridente, não transparece o ódio, o ódio inalterado que ela nutre por todos os que não apoiam a sua obra de mutilação humana, a sua obra maldita que forma aberrações, degenerescências e crimes. Seu coração não palpita no amor por alguém ou alguma coisa: é um coração gelido de solteirona impenitente, impassível a todas as misérias, a todas as desgraças, a todas as tragédias. É capaz de ir até ao crime como o provam o grande número de infâmias que até hoje tem cometido, algumas das quais já revelamos.

É certo que alguns sentimentalistas de meia tigela poderão murmurar, lendo o que acima fica, que não é correcto, nem digno, atacar, em termos tão duros, em frases tão contundentes, uma senhora.

Mas a essas sentimentalidades refinadas diremos que as pessoas têm o sexo dos seus actos. Como havemos de classificar uma mulher que, sendo insensível às alegrias da maternidade, nunca quis ser nem esposa, nem mãe, inculca nas crianças das suas escolas congreganistas o desprezo pela família, conseguindo matar em muitas o amor dos seus próprios pais? Como havemos de classificar uma mulher que rouba crianças para as fazer escravas da Congregação ou interná-las como freiras nos conventos de Espanha, verdadeiras sepulturas, visto que d'elles não se sai com vida? A resposta damo-la sem rodeios: é um monstro mau grado sua forma humana. E todos os que tenham filhos não deixarão de pensar como nós, de a classificar de monstros. Quem não ama seus filhos, não pode ser nem uma pessoa sensível, nem uma pessoa normal. Como havíamos nós de classificar uma mulher que não respeita o sentimento maternal e rouba os filhos de toda a gente?

Apontamos nós, ontem, a existência dum colégio religioso em Elvas, onde a «educação» é ministrada do mesmo modo que em Santarém. Os professores desse colégio são padres e freiras vindos de diversos pontos de Espanha. Quem inspira esse colégio é o arcebispo de Evora, a personalidade sinistra que dirige superiormente a Congregação de Santarém. Estabelecemos ontem a hipótese de que esse colégio pertencesse à referida congregação religiosa. E assim deve ser; porque a viscondessa de Andaluz, superiora da Congregação, possui colégios identicos aos de Santarém, em Elvas, Evora, Viseu, Viana do Castelo e Cascais. A existência de mais estes colégios que hoje revelamos, indica bem que o país está, de norte a sul, minado pela influência jesuítica—à sombra da qual dormem, a sono sóto, os chamados pensadores que parece ainda não terem dado pelas nossas revelações, que são as mais importantes que, em matéria clerical, têm sido feitas desde que se implantou a república—esta república clerical que deixa morrer escolas à míngua de recursos; que abandona crianças à mais crua das misérias, para subsidiar com 99 contos a Congregação de Nossa Senhora dos Innocentes, cujo funcionamento autoriza.

Estamos assistindo, neste momento, à mais vergonhosa das comédias: no parlamento vai ser discutido um projecto de lei restabelecendo em Portugal o ensino religioso, com padres, freiras e jesuítas a pontificar nas escolas. Esse projecto, verdadeiro atentado contra as crianças, última afronta e última ignomínia às consciências livres, não pode passar sem os nossos protestos, os mais indignados e os mais energicos. Mas, como temos demonstrado, as escolas religiosas e as congregações funcionam como se estivessem consentidas juridicamente.

Os «meninos» filhos da Maria, em Bemfica!

A lei não deve vingar, porque a isso se deve opor a vontade da população. Mas as

co las congreganistas não podem, nem devem persistir. Basta de comédias e de infâmias!

Lisboa, a cidade inimiga do clericalismo, a cidade que em plena monarquia reuniu 200.000 pessoas numa manifestação anti-jesuítica e anti-congreganista, está sendo fortemente batida pelos reaccionários. Há dentro dela várias escolas religiosas, pertencentes a congregações, como já em anteriores artigos referimos. Hoje lembraremos apenas a actividade que está realizando o prior de Bemfica, padre Francisco Maria da Silva. Este solta que é uma criatura dum grande habilitado e dum grande tenacidade tem arremetido para a igreja grande número de crianças, perante a indiferença dos pais, que devem ser na sua maioria pessoas muito respeitáveis e muito coerentes... Em Bemfica está muito florescente a instituição das filhas de Maria. Existe também naquele bairro a instituição dos... Filhos de Maria. Trata-se por certo dum rapazinho de vinte e tal anos, bastante grotesco, snobs e apedantados, de degenerescências mal averiguadas. Estes meninos crescidos cuja existência constitui um verdadeiro insulto à mocidade, exuberante e livre, usam durante 6 meses como distintivo umas fitinhas verdes. Findo esse prazo, passam de aspirantes a Filhos de Maria trocando então, depois dum grotesco juramento de fidelidade à «Virgem», as fitinhas verdes, por umas azuis.

Felizmente que a mocidade lisboeta não pode ser medida por aqueles meninos tão carolas que aceitarão pertencer a uma instituição feminina. É caso para dizermos: ora não que haviam de dar algumas «raparigas» de Bemfica.

Notas & Comentários

«Jazz-band» religioso

Um padre americano acaba de declarar que o infernal e ruído «jazz-band» deve ser introduzido nas igrejas. Disse que este genero de musica moderna eleva os espiritos e atrai muitos fieis ao culto. A musica que se tem tocado até á data é monótona e não interessa aos crentes. A igreja muda de musica como de processos. Mas no fundo é sempre a mesma máquina de embrutecimento dos povos.

Pudera!... Os operários são uns malandros. Não pensam senão em ganhar rios de dinheiro. Querem tudo para eles. Por isso caminham o país, dão em pantanas. Isto dizem certas pessoas de categoria que se dão a elas próprias uma grande importância. Desde Agosto, leitores, que o juiz do Supremo Tribunal de Justiça, presidindo a uma comissão rendosa, está ganhando em Loanda um conto por dia. O presidente do conselho legislativo da provincia de Angola pediu ao ministro das Colónias que o mandasse vir para Lisboa, porque lá não era preciso para nada. Mas o juiz não quer, diz que ainda tem por lá muito que fazer... Pudera!...

O INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

foi inaugurado anteontem com muito brilho

No largo D. Estefânia foi anteontem inaugurada uma diti instituição, o Instituto Policlínico da Estefânia. Um grupo de médicos instalou ali um estabelecimento modular, cujas dependências tivemos o prazer de visitar.

As classes menos abastadas daquele populoso bairro contam agora com um estabelecimento admirável onde encontrarão prontos socorros que por módicas quantias lhes serão prestados pelos ilustres clínicos drs. srs. A. de Almeida Rocha, António de Carvalho, Berta de Moraes, Carlos Guerra, Domingos Dias, Fernando Wadington, Heitor da Fonseca, Pais Larangeira, José Salazar Carreira, Pedro Roberto Chaves e Teodoro Almeida de Carvalho.

A tarde foi servido aos convidados presentes um delicado copo de água, trocando-se brindes effectuosos. Falaram os drs. srs. Jorge, em nome dos habitantes do bairro, Manuel Rodrigues Machado, pelos farmacêuticos daquela área estabelecida, Artur Portela e Mário Domingues, pelos seus colegas de imprensa ali presentes.

Agradecendo as felicitações recebidas falaram em nome do Instituto inaugurado os drs. srs. Carlos Guerra e Heitor da Fonseca.

O Instituto profita-se da oportunidade para agradecer os profissionais da imprensa que dos seus serviços necessitam.

A febre tifoide

Sendo já diminuto o número de casos de febre tifoide e não se tendo ultimamente inscrito pessoa alguma para vacinar contra essa enfermidade, esta Cruzada resolveu fechar a inscrição a fim de poder encetar os trabalhos para a festa do seu 3.º aniversário.

Até á data inscreveram-se entre crianças e adultos 92 pessoas, tendo-se já vacinado 32 contra o tifo e a pedida, duas contra a varíola. A vacinação das pessoas já inscritas, continua ás segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 ás 21 horas, na sede desta Cruzada, rua da Escola do Exército, 14, 1.º.

O proletariado continua a manifestar a sua sincera repulsa pelas ameaças fascistas

A sessão promovida pela comissão de agitação anti-fascista da C. S. T. L.

No salão de festas da Construção Civil, realizou-se ontem uma sessão de propaganda anti-fascista promovida pela comissão de agitação da Câmara Sindical do Trabalho. Presidiu Manuel Henriques Rijo, secretariado por Manuel Marques e Carlos Dias.

O presidente dá a palavra a Virgílio de Sousa, delegado da comissão de agitação da C. S. T. L. Começa o orador por manifestar-se desgostoso pela falta de concorrência a esta sessão, quando é necessário que o proletariado se conjunja para enfrentar a onda reaccionária que, á mão armada, pretende cercar liberdades e impor um regime sanguinolento. O orador descreve os horrores dos regimes que vigoram na Itália e em Espanha e afirma a necessidade de que os operários tratem de organizar a sua defesa. Refere-se á repressão dos ditadores italianos sobre a imprensa, e aos assassinatos de indivíduos desfeitos a Mussolini, não escapando até os que deviam estar assegurados pelas imunidades parlamentares. Em Espanha outro tanto tem sucedido, sendo estes os únicos frutos das duas ditaduras.

Depois, refere-se o orador ás violências de que o proletariado tem sido vítima, apesar de tantas vezes ter defendido a República contra as investidas dos reaccionários. Diz que o operariado tem-se esquecido, sempre que tem pegado em armas para defender as liberdades consignadas na constituição republicana, de só as largar quando de facto lhe garantam essas liberdades.

Termina apelando para que os assistentes promovam um movimento de interesse pela defesa da liberdade e levanta um viva á liberdade que foi largamente correspondido.

Segue no uso da palavra João Miranda, pelo S. U. da Construção Civil. Afirma-se satisfeito pela forma como o operariado encorreu o perigo fascista. Apesar de até agora se não ter verificado manifestações rigorosas, está convencido de que a massa popular, preparada espiritualmente pelas conferências e sessões que se têm efectuado, saberá, num dado momento, esmagar de vez, como já o ensaio no 18 de Abril, toda e qualquer ditadura que lhe queiram impor.

O orador exemplifica com a ditadura sidonista o que será uma nova ditadura e termina esperando de que oportunamente todo o proletariado sabará correspondente.

Segue-se no uso da palavra Santos Arranha. Diz que poderá parecer a alguém que não esteja junto de nós que o perigo fascista não se encontra tão pendente. Não é assim. Portugal é um país que vive, tanto no campo industrial como no social, de figurinos importados, sendo provável que o espírito de imitação leve algumas criaturas a quererem alancardar-se em ditadores fascistas. O fascismo em Portugal seria um sidonismo correcto e aumentado.

O orador, prosseguindo, julga difícil organizar em Portugal legiões mercenárias á semelhança do «fascio» italiano. O perigo maior está nas ambições da casta militar que pretende impor ao país um sistema riverista a pretexto de moralizar a administração pública, esquecendo-se de que há muito tempo, o povo português está sob a tirania dessa casta que se apossou de quasi todos os cargos civis. Cita como perigo a combater também, pelo seu paralelismo com o fascismo, a reacção religiosa, cujo incremento através do país vai sendo sensível.

Termina exortando o proletariado a não esquecer a ditadura que o tem oprimido e a quando tenha de pegar em armas para atacar a ditadura que se oferece não esquecer as outras formas de ditaduras.

Fala em seguida Aleixo de Oliveira em nome da Câmara Sindical do Trabalho. Começa por afirmar que a reacção, governante contra a tirania que os actuais governantes impõem ao povo, querem impor uma mais feroz ditadura que lhe satisfaça as suas desmedidas ambições.

Para remover aquilo a que chamam moralidade politica, os reaccionários apontam para chefes creaturas amorais como Cunha Leal e quejandos. A C. G. U. pretende contar com o operariado unificado, para o combater a dar á reacção e por isso exorta todos os trabalhadores a incorporarem-se numa grandiosa manifestação que breve vai realizar-se.

Segue-se no uso da palavra Silva Campos. Pergunta se o povo estará disposto a consentir que os vários mussolinis se saiem, arrancando as parcas regalias populares conquistadas á custa de tantos sacrificios. Pelas manifestações produzidas através das sessões e conferências que vêm de efectuar-se, está convencido que o povo não tolerará uma nova e mais feroz tirania. O que para ali está não serve, repugna e enoja, mas, peor do que isto, nunca!

As crises de trabalho e outros males que nos afectam bastam para vibrarmos de indignação e revolta.

Só há dois caminhos para o proletariado: ou obedecer ás imposições das classes privilegiadas ou então revoltar-se dum forma decisiva.

Em seguida o orador descreve as lutas pela liberdade e afirma ser necessário mais uma vez defendê-la a todo o custo, elevando-a até á culminância onde os mussolinis não lhe toquem.

Por fim Henrique Rijo, que presidia, recorda os sacrificios feitos pelo povo para defender-se contra a reacção e a influencia dos politicos que fizeram o 18 de abril junto dos que são hoje governos, para que deportassem os civis que lhes deram combate. Por isso há que protestar não só contra o fascismo futuro como contra o fascismo vigente. Recorda o sidonismo e as censuras que lhe fizeram os politicos que depois em oppressão lhe seguiram as pegadas.

Só uma boa organização e preparação do

operariado pode afugentar todas as ditaduras.

Em seguida, a sessão foi encerrada com abaxios ao fascismo.

Uma importante sessão no Sindicato dos Manipuladores de Pão

No Sindicato dos Manipuladores de Pão realizou-se anteontem uma sessão de propaganda anti-fascista.

Abriu a sessão o camaradas Borges que afirmou que tendo-se realizado diversas sessões contra o fascismo, era de esperar que os operários manipuladores de pão se manifestassem também.

Virgílio de Sousa, pela comissão anti-fascista, lamentou que após quinze anos de República democratica, ainda estejamos a lutar com um velho mal. Se tanto for necessário que se deve pegar em armas, como quando se fez a república, para fazer banir o clericalismo e o fascismo. É preciso mostrar que os operários não estão dispostos a tolerar-lhes aos fascistas todas as suas pretensões cobardes. Que o operariado compreenda que o seu lugar não é no cárcere nem nas plagas africanas. Quando a Câmara Sindical do Trabalho por intermédio da sua comissão anti-fascista disser ao proletariado em geral que se prepare, que os manipuladores estejam alerta para, no momento oportuno, opôr a sua resistência á onda viciosa do fascismo.

Jaime Tiago, pela Câmara Sindical do Trabalho, afirma que o operariado português não está nas condições do operariado italiano e espanhol. No entanto um partido que se diz democratico tem exercido sobre o proletariado português uma ditadura tão odiosa como o fascismo. É necessário que todos os operários se unam numa só barreira e se preparem para a defesa, para quando esses cavalheiros saírem para a rua com a revolução fascista, lhes provar quanto vale a consciência operária.

Valadas Ramos, pelas Juventudes Sindicatas, diz que enquanto o proletariado não estiver bem compenetrado no seu dever, sempre há-de surgir bandos de canallas a pretender impôr os seus ferozes instintos. O fascismo em Portugal não vem para salvar uma nação do atoleiro, vem para derrubar a organização operária, a cruel inimiga. Mas quando o proletariado tiver sentido bem o seu ideal, então não haverá no parlamento criaturas venais, como Cunha Leal e outros, que a todo o momento bolem sobre o proletariado, sobre a sua organização, o pão do seu despoito.

Marques do Sindicato dos Manipuladores de Pão, diz que quando foi do 18 de Abril foram dois indivíduos á casa onde trabalha, com um cartão da Companhia Nacional da Alimentação, exigir 800 pães para os revoltosos. É preciso que se saibam estas para sabermos quem é essa corja de vampiros que nos explora. Acrescenta que na sua terra fechou uma escola por falta de verba, mas o Estado dá dinheiro com abundância para as congregações religiosas e para reaccionários. Recorda a incuria de Paiva Couceiro no Norte, quando todo o operariado de Lisboa se armou para ir defender a república.

Agora é necessário que o mesmo proletariado se una, não para defender esta república que para ali está, mas para defender as suas poucas regalias que adquiriu á custa de tanto sangue derramado.

Borges, do Sindicato dos Manipuladores de Pão, diz que todos os manipuladores de pão devem estar convencidos de que aquela sessão tinha por fim tratar, não de regalias a conquistar, mas sim para assegurar estas que já conquistamos, que estão em perigo. Se os trabalhadores estivessem todos unidos, nem teriam ido para a Guiné os deportados, nem tão pouco estariam aqui a ferros outros tantos acusados de malfeteiros. Em Portugal, após a república, fez-se a lei de Separação da Igreja do Estado, mas até á data em vez de ser cumprida, é deturpada pelos politicos que a fizeram, dando largas ás congregações religiosas. No tempo da monarquia os propagandistas apegavam á boca cheia a extinção dos monopólios, mas hoje vê-se justamente o contrario. É justo que nós operários nos unamos todos para combater esse bando de tarados que pretende sufocar-nos, que traz por rótulo a ditadura.

No final da sessão foi aprovada uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.º Que seja levantado o mais energico protesto contra tais aventureiros indo-se, se for necessário, até á revolta na rua para defender as suas liberdades ameaçadas.

2.º Dar todo o apoio á Câmara Sindical do Trabalho, para qualquer movimento que a mesma pretenda levar á pratica.

Foi encerrada a sessão com vivas á Câmara Sindical, á C. G. U., á Batalha e abaxio o reaccionarismo, etc., etc.

Foi extraordinariamente concorrida a sessão no Barreiro

BARREIRO, 21.—Realizou-se ontem na Casa dos Ferrovieiros uma sessão anti-fascista a que presidiu o dr. David Ferreira que referindo-se ao fascismo, num vibrante discurso, o considerou regime de criminosos que só convem ás classes plutocráticas pelo que tem de ser combatido por aqueles que prezam a liberdade.

Em Itália, nesse regime de terror, têm-se cometido as maiores barbaridades contra aqueles que tem a coragem de atacar o fascismo. Assasinou-se Matteotti com a culpabilidade de Mussolini, o ditador fascista, que muito bem sabia o crime que se ia perpetrar e que o cadáver do assassinado já mais appareceria.

A imprensa fascista italiana criminosa e segura da impunidade reclama nas suas colunas, sempre que apparece algum adversário, a sua morte, o seu assassinato, que deve ser levado á pratica por qualquer mão salvadora.

Diz-se que Mussolini tem moralizado a Itália. Essa moralização consiste na prodigalidade com que distribue os dinheiros públicos por aqueles que criminosamente o sustentam no poder e, assim, a indenização que a Itália recebeu da Grécia desapareceu

por completo nessa distribuição de amigos. É a isto que a nossa grande imprensa chama moralização. Estamos muito mal servidos com essa grande imprensa, havendo necessidade absoluta dum grande jornal diário independente.

Diz-se que em Portugal querem implantar o fascismo. Parece que os novos ditadores Mussolinos, Riveristas e em farroucas napoléonicas são o comandante Filomeno da Câmara e Cunha Leal.

Não cre, caso o fascismo fosse implantado em Portugal, na sua longa duração. As ditaduras entre nós não podem ser longas e a prova-lhe estão a de João Franco, Pimenta de Castro e Sidónio Pais, no entanto é necessário estarmos preparados para a inutilizarmos assim que tente esboçar-se.

O sr. Santos Ferro depois de várias considerações sobre o fascismo diz que quem quiser conduzir povos tem de fazê-lo por obras e não por palavras e pergunta o fascismo. Quem os homens que apegam o fascismo. Quem os viu já a defender o povo. Só tem tratado de si.

Quem são as figuras que andam a pedir um Mussolini? São os inválidos, os incompetentes que não confiam no seu esforço, porque não têm cabeça e por isso esperam um redentor. Querem-nos dar a honra de governar com «peixe espada» e óleo de ricino.

As liberdades que hoje disfrutamos são diminutas, mas não deixaremos de forma alguma que nos sejam cerceadas.

Os Mussolinis são ladrões da luz, só desejando que o povo viva nas trevas. É necessário a todo o transe dar-lhe combate e por isso juramos combátê-los.

Miguel Correia diz: Todo o operariado tem de opor uma forte resistência á resistência fascista que se venha a produzir.

Como ferroviário está certo que os ferroviários não de agir de forma a não permitirem o fascismo, apesar de em parte já estar sendo ensaiado pelo director e administrador geral do Sul e Sueste.

Os ferroviários devem preparar o seu espirito para, mesmo com as armas na mão, se assim for necessário, repelirem essa ditadura fascista que lhe querem impôr.

Dr. José Francisco Teixeira declara haver ditaduras que matam e ditaduras que dignificam.

A que Cunha Leal e Filomeno da Câmara nos querem impôr fazer parte das que matam e, nessas condições, todos os indivíduos que amam a liberdade se devem reunir para a combater.

Dr. Câmara Reis diz:

Em França, Clemenceau, quando alguém lhe falou nas probabilidades dum novo Napoleão, disse que o espirito moderno não receberia tal cousa.

O fascismo, diz, é uma doença contagiosa, peor que a febre tifoide.

O fascismo provem da guerra. É uma manifestação dos maus instintos que engendraram a grande guerra. É qualquer cousa que devemos estudar de perto. Vive também devido aos erros dos governantes e á corrupção.

Os nossos governantes resolvem as cousas, ainda as mais importantes, por meio de banquetes e se não tenhamos em vista o que se está passando com as nossas colónias e a forma da sua solução. Para d'elles tudo corre bem e nunca há novidade. Um banquete resolve o problema.

Em Portugal há a mania dos Messias. Parece que agora apparecem três Messias Mussolinistas.

Refere-se á chamada ordem em Portugal que mais não representa do que a desordem com toda a sua oppressão, tirania e leis de excepção.

Se amanhã o fascismo entrasse em Portugal desbarataria as poucas liberdades que ainda temos e viria até o castigo corporal, como succede em Itália.

Devemos marcar o nosso logar para realizarmos a luta anti-fascista, ainda que tenhamos de nos unir aos defensores da liberdade de além-fronteiras.

Todos os oradores foram muito applaudidos pela numerosa assistência.—C.

EM COIMBRA

Uma sessão de protesto contra a exploração dos reclusos

COIMBRA, 19.—Os operários do mobiliário continuam a preocupar-se com a grave crise de trabalho que vêm sofrendo e que, como se sabe, é bastante agravada com a laboração de officinas desta industria na Penitenciária.

Com a presença do secretario geral da Federação Mobiliária, Manuel Nunes, vindo a Coimbra para tratar especialmente deste assunto, reuniu-se a classe no dia 16, pelas 18 horas, na sala do Grémio Operário. Presidiu Alberto dos Santos, secretariado por José António da Velha e Rogério Velindro.

Aberta a sessão, Alfredo da Silva expõe á assembleia os resultados da entrevista que teve, como delegado do sindicato, com o governador civil, acerca das reclamações formuladas pela classe. Explica ter aquella entidade prometido que esta questão seria resolvida durante estes meses mais próximos, de maneira a evitar conflitos, manifestando aquelle senhor a sua discordância, até certo ponto, com o regime de arrematação das officinas.

José Maria dos Reis e Amadeu Neves fazem uso da palavra, espiando-se em considerações referentes a este assunto.

Sendo dada a palavra ao delegado da Federação, Manuel Nunes, este começa por explicar qual a missão que a Federação lhe confiou, vindo a Coimbra para tratar deste conflito que tanto afecta a situação económica dos mobiliários.

Relata uma entrevista que teve com o director da Penitenciária, dr. José de Miranda, e a visita que fez ás officinas daquele estabelecimento penal.

Verbera a forma cínica e jesuítica como um dos arrematantes das ditas officinas predetura a verdade das afirmações feitas contra o regime de trabalho ali vigente. Diz que a questão não é tão fácil de reso-

ver como a muitos parece, sendo essencial que, para se conseguir esse desideratum, a classe se organize fortemente e não se conserve no estado de apatia em que se tem mantido há um certo tempo a esta parte.

É necessário que os operários do mobiliário compreendam que para a Federação se desempenhar da sua missão, é essencial possuir sindicatos fortes que lhe prestem o auxílio indispensável à sua manutenção.

Disserta com muita clareza sobre as anomalias do capitalismo, apresentando contrastes interessantes, tendentes a demonstrar a podridão da sociedade actual.

Alude a um organismo recentemente criado nesta cidade, que adopta o pomposo título de «União Operária», agremiação fundada e orientada por católicos. Todo o operário consciente deve combater essa colectividade, pois os seus orientadores querem manietar o trabalhador nas algemas da ignorância, amortecer-lhe o espírito revolucionário e re-invidicador para mais à vontade tripudiarem sobre os legítimos interesses das classes produtoras. Devem os operários reconhecer que as individualidades que se encontram à frente da «União Operária» são católicos militantes e todos eles componentes da casta parasitária.

Termina por fazer votos para que as classes dos mobiliários fiquem definitivamente reorganizadas, para melhor atenção às suas justas reclamações.

Procede-se depois à nomeação da direcção do sindicato, ficando constituída pelos camaradas Juvenal Ricardo, José da Velha, José dos Reis, Tomás da Silva e Alfredo da Silva.—C.

AS GREVES

Os operários da C. Civil nas obras da barra do Porto de Viana do Castelo, lutam pelo horário de trabalho

Na passada semana reuniu o Sindicato da C. Civil de Viana do Castelo, tendo sido analisado detidamente o conluio formado pelo patronato e autoridades, que por todas as formas pretendem negar ao proletariado local a tão cara reivindicação, do dia de 8 horas de trabalho.

Verificou-se depois de grande número de demarches realizadas junto do governador civil e delegado do governo que a princípio disseram que a lei seria cumprida e que propõem agora que para as obras da barra fosse aberta uma excepção estabelecendo-se 10 horas de trabalho. O Sindicato reconheceu nisto uma habilidade a que se agarrariam os demais proprietários, e em face disto os operários dos referidos trabalhos declararam-se em greve, tendo o Sindicato resolvido subsidiá-los com metade do salário que auferem até se lhes conseguir colocação noutros trabalhos.

Foi resolvido mais, enviar um telegrama ao ministro do Comércio de protesto pela forma como aquelas obras estão sendo administradas, pois que tendo sido estabelecido um agravamento de impostos em todo o distrito para que aquelas obras continuem sem interrupção, não se justifica que, pelo capricho da criatura que se encontra à frente da Junta Autónoma, os operários fossem lançados para um conflito que, além do inconveniente de proter a conclusão dos trabalhos representa um grave prejuízo para a população distrital.

NO ESTRANGEIRO

Maquinistas londrinos

LONDRES, 21.—Os novecentos maquinistas que, haviam declarado em greve, acederam em retomar o trabalho na segunda-feira, desde que o aviso do «lock-out» foi retirado.—H.

Metalúrgicos e trabalhadores de via férrea

VERSALHES, 21.—Cento e setenta operários duma fábrica de construções metálicas, em Argenteuil, declararam-se há dias em greve, reclamando aumento de salário e supressão das empreitadas. Também varios operários de atório, em serviço na reparação da via férrea, junto da gare de Juvisy, se declararam em greve, reclamando aumento de salário. A gendarmaria procura normalizar o serviço.—H.

Mineiros australianos

SIDNEY, 21.—Cessou o trabalho nas minas carboníferas de Mailland, andando os operários agitando em comícios a questão dos salários. Espera-se a todo o momento uma declaração de greve.—H.

Operários de mobiliário

ÉPINAL, 22.—Após uma greve de oito dias, os operários de uma fábrica de móveis retomaram o trabalho.—H.

Secção Telegráfica

Federações

Núcleos de Vendas Novas, Valença do Minho.—Mandem com urgência credenciais para delegados.

Núcleo de Alfajures.—Segue officio e mandem com urgência credencial para delegado.

VINICOLA
Sindicato dos Tanoeiros de Gaia.—Tavarez Adão: Recebemos officio, seguiu vale e officio em carta registada. Seguem jornais pedidos.

DESPORTOS

Os Belenenses batendo o Sporting classificou-se Campeão de Lisboa

Com o encontro realizado no Estádio ficou apurado, sem mais preocupações sérias, campeão de Lisboa para a época 926-927, «O Belenense».

Pôsto em cheque pelo Vitória e pelo Carcavelinhos, na segunda volta, o Clube de Belem, viu poucas probabilidades de alcançar a primeira posição e não a alcançaram. O erro de tactica do Benfica, no seu ultimo jogo, nas Amoreiras, não lhe houvesse permitido triunfar nos ultimos minutos, quando foda a gente se lhe afigurava uma nova derrota por 4-2. O poderem ter saído vencedores quando já se consideravam vencidos; auxiliados pelos insucessos do Sporting, que empatara três jogos seguidos e, o desastre sofrido pelo Vitória no jogo com o Casa Pia originou que a sua apresentação no Estádio, para defrontar pela ultima vez o ex-titular, fosse esperançosa e confiante.

Pois se lhes bastava um empate para vencerem!

A enorme assistência foi iludida na sua expectativa, pois presenciou um jogo mau, como de resto costumam ser no geral as finais, em que os nervos subordinao o raciocinio, e a serenidade de espirito como a inteligência se ausentam para darem lugar à observação cega de firmar, a maneira como não importa, o seu objectivo: furar as redes contrárias e marcar pontos. Dentro desta tensão de nervos foram mais felizes os «asues», impondo o seu jogo e marcando a meio da segunda parte a bola que lhes deu o triunfo. Um fôro merecido porque, embora actuando mal, conseguiram ser superiores aos «leões».

Destes ultimos, a linha da frente não chegou a entender-se, não produzindo sequer um ataque sério às redes de Belem, confiadas a um elemento de segundas categorias que revelou segurança e muita atenção. Dos seis meios em campo destacaram-se, a grande distancia, Cesar, A. Silva e Azevedo II que bastante contribuíram para o resultado, forçando o seu ataque a produzir, embora este não correspondesse, nas suas linhas gerais, ao que deles era esperado.

Na deusa do Sporting reapareceu mais uma vez «amistiado», o «renegado» Joaquim Ferreira que, com Jorge e Cipriano sustenteram o embate, por vezes impetuosos, do adversário. Jorge, mais seguro que o seu companheiro, teve, na tarde de domingo, em Azevedo um rival digno de si.

Ilídio Nogueira, o árbitro dos grandes encontros, viu mal, por vezes, as deslocações, mas foi oportuno na repressão do jogo violento não prejudicando sensivelmente nenhum dos contendores.

Nas categorias inferiores o Sporting perdeu em 3.^{as} por 3-1 ganhando em segundas com o mesmo resultado e marcando três pontos em quartas por falta de comparição do adversário.

Benfica-União—9-2

Encontro de curiosidade fraca, dada a superioridade do Benfica e traduzida claramente nos pontos obtidos. Na primeira parte foram marcadas seis bolas: cinco do vencedor e uma do vencido. Na segunda registaram-se mais quatro do primeiro e uma do segundo, sendo duas resultantes de grandes penalidades.

Em segundas e quartas categorias triunfou o Benfica por 3-0 e 5-0 respectivamente, marcando os pontos regulamentares em terceiras, por falta do adversário.

Vitória 4—Carcavelinhos 4

A rígida mas honesta e simpática attitude dos dirigentes do Vitória, fez afastar temporariamente dos seus logares, três dos melhores jogadores da primeira linha. Essa resolução caracterisadamente desportista que se impõe pelo alto exemplo moral que revela, muito em contraste com o interesse material posto em pratica por outros clubs seus congéneres, influíu talvez para o resultado do encontro efectuado no Restelo.

Afastadas, já há uma semana, as possibilidades esperanças de alcançar o título que há duas épocas lhe pertencem, o simpático clube de Setúbal procura manter o segundo lugar se o encontro a ter ainda com o Benfica lho consentir.

Desafio extremamente violento e desagradavel por constante intromissão do público, consta-nos que será processado e não sabemos se anulado por, além do mais, ter terminado antes do tempo regularmente. O primeiro a marcar foi o Carcavelinhos que chegou a ter um 2-0 a seu favor; ainda no primeiro tempo o Vitória iguala e é já na segunda parte sob o império da violência que o grupo de Setúbal desenha a sua vitória aumentando o seu activo para 4-2. Os livres sucedem-se uns após outros e tantos se marcam que alguns surtem o efeito desejado, dando as duas bolas restantes aos «acantarenses» que originam o empate. A arbitragem que ao principio fôra boa, de António Brás, é desorientada depois pela conduta dos jogadores e pela incorrecta attitude do público, tendo terminado o jogo erradamente muito antes do tempo regularmente.

Nas categorias inferiores o Vitória faltou em 4.^{as}; perdeu em 3.^{as} por 3-2 e ganhou em 2.^{as} por 2-1.

Casa Pia 2—Império 1

Difícil triunfo dos «negros» sobre os «imperialistas». Casa Pia marca as suas duas bolas na primeira parte, sendo a ultima resultante de grande penalidade. O Império reagindo sempre marca o seu ponto de honra na segunda parte, estando prestes a conseguir o empate que por fim lhe foi falso... O grupo de Palmavá saiu vencedor em 2.^{as} e 4.^{as} por 6-2 e 4-1 e marcou em 3.^{as} por falta de adversário.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.
Encargue-se de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Hübner e Procuradoria na Rua do Carmo, n.º 43, s/l, frente

Teatro Maria Vitória

Telef. N. 3644
Duas sessões: A's 8½ e 10 ½

O mais notável êxito da revista

FOOT-BALL

Grande triunfo cómico com o «bis» das

A Revolução de Cacilhas e o famoso número

O Catarina

Segunda-feira, 27—Festa artistica de LINA DEMOEL

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Concerto dos alunos de Rey Colaço

O 2.^o concerto dos alunos de Rey Colaço atraiu à sala do Conservatório uma assistência ansiosa de ouvir os progressos realizados pelos que nele tomavam parte. O concerto foi sóbrio, pois do programa constavam unicamente de três autores, embora dos mais consagrados, Beethoven, Liszt e Chopin. Os alunos eram Mademoiselles Roseira, Lino e Bandeira de Melo e José Van Rosenstock. Foi a primeira que encetou a sonata em ré de Beethoven.

A parte mais ou outra vacillação de técnica, pode-se dizer que a interpretação agradável, revelando o pianista qualidades apreciáveis. José Rosenstock na sonata em si menor de Liszt teve elegância e delicadeza, como a teve, também, nos prelúdios 19 a 24 de Chopin. Mademoiselles Lino e Bandeira de Melo nos prelúdios 1 a 6, a primeira e 13 a 18 a segunda manifestaram uma boa execução, havendo a esperar bastante de qualquer delas. Pode-se afirmar que este recital não foi inferior ao primeiro há pouco realizado.

Nogueira de BRITO

Concertos Gui em São Carlos

Uma das mais interessantes novidades que o eminente maestro Vittorio Gui reserva ao público de Lisboa, é a abertura «Der Schauspieler» de Mozart, admirável obra prima do mestre de Salzburgo que nunca foi executada em Portugal. Serão também executadas as aberturas de «Coriolano» de Beethoven, dos «Mestres Cantores» e do «Tannhäuser» de Wagner.

A bilheteira de São Carlos continua aberta ao público para a marcação de logares, tendo preferência os antigos assinantes da época lirica.

O primeiro da curta série de concertos

do grande maestro Gui dá em Lisboa realiza-se na próxima sexta-feira.

A Dança da Meia Noite

Hoje e amanhã não há espectáculos no Nacional, para se proceder à montagem da peça de Charles Mire «Dança da Meia Noite», que deve subir à scena sábado, 26.

Os scenários são todos novos, sendo as tapearias de Mergulhão, a encenação de António Pinheiro, que também interpreta o principal papel masculino.

Festas artisticas

É no próximo sábado, 27, que realizam no Coliseu dos Recreios, a sua festa artistica, os afamados e aplaudidissimos «clowns» Rico e Alex, que constituem hoje a mais célebre «pareja» de palhaços da Europa e que entre nós contam uma verdadeira idolatria da parte do público.

Reclames

O teatro Avenida, continua em festa porque o «Pão de Ló», a pesar de ante-onhem ter dado a sua 150.^a representação está tão apertado e ouve-se com tanto interesse como se estivesse ainda em 1.^a representação.

—Continua em pleno êxito, dos mais brilhantes e entusiásticos, a «Banca à glória», a afortunada peça que teve a felicidade de saber escolher a direcção artistica do Gimnásio.

—É da mais palpitante actualidade, atendendo ao periodo que vamos atravessar, a «reprise» que vai fazer-se sexta-feira, no Apolo, da peça de grande espectáculo, «O Mártir do Calvário», cujo entreccho se cinge à lenda infinitamente poetica, dos passos que deu na vida terrena, a figura profetica de Jesus.

—A revista «Foot-Ball», que tão numerosa concorrência tem levado ao Maria Vitória, apresenta-se hoje com o atractivo duma estreia, que será apresentada nas duas sessões: transição do numero «O Fado de Mistinguette», que terá a interpretação a gentilissima actriz Elisa de Guisette, que, de certo lhe dará todo o realce e galanteria.

—No Chiado Terras, a ultima exhibição do surpreendente film historico em 10 partes, «O milagre dos lobos», o maior êxito cinematográfico da actualidade. Completa o programa o emocionante film em 6 partes «Amor de Arabe» e a comédia em 2 partes «Sandalo espiã». Amanhã novo programa.

—A semana que está correndo é a ultima em que dá espectáculos a grande Companhia de Circo, que no Coliseu dos Recreios tem feito uma brilhantissima carreira, contando os mesmos pelos dias de representação. Tendo ela no seu elenco algumas das mais formidáveis atrações da actualidade, todos devem aproveitar estes ultimos, para apreciarem essas celebridades, entre as quais se encontra ainda o grande fãkir Scharia Bey.

Na próxima quinta-feira, é a ultima matinee elegante da temporada, que termina no próximo domingo.

TEATRO AVENIDA

O SENSACIONAL

PAO DE LÓ

Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435
Medicina geral. — Cirurgia. — Clinica de especialidades

ABRIU ONTEM

Corpo clínico—Doutores:

A. de Almeida Rocha—Clinica geral—às 14 horas.

António de Carvalho—Sifilis—às 11 h.

Berta de Moraes—Doenças das senhoras—às 13 ½ h.

Carlos Guerra—Clinica medica, doenças de coração e pulmões—às 18 h.

Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Protese—às 10 h.

Fernando Wadington—Raio X.

O jovem sindicalista na vida social

Tese a apresentar ao II Congresso Juventudes Sindicalista por Emílio Santana

Nos locais de trabalho

Se devemos afirmar sempre a nossa personalidade, também o devemos igualmente fazer com as nossas faculdades de trabalho e intellectuais.

Ter a noção do que se vale é a primeira condição do homem livre que almeja ser. Estas noções elementares de personalidade verificadas em todos os momentos, são anuladas pelo ambiente de obrigação sem observação que se respira nos locais de trabalho.

A capacidade profissional dum operário e às necessidades de trabalho, sobrepe-se o cabotismo dum individuo convencionalmente chamado mestre ou encarregado, que a seu bel talante obriga os individuos seus subordinados à sujeição das suas determinações, sem que na maior parte das vezes esteja à altura de tal missão.

Sujeitos a esta depressão moral os operários sentem a necessidade de dela se libertarem, impondo-se. Mas, para se impor implicitamente terão de ter a capacidade para tal.

Pretendemos ideologicamente uma sociedade em que o livre-acôrdo e a auto-determinação sejam o fulco de todas as actividades humanas, renegando toda a hierarquia.

Todos os ramos de actividade dentro da actual sociedade se acham subjugados pelos fideis serventários dos interesses mesquinhos dos capitalistas, mas numa sociedade em que o interesse seja comum nada justifica isto, que é a necessidade do capitalismo para sua segurança, pois que todos sentirão a necessidade de produzir para assegurar a sua existência, sabido como está que a distribuição não se fará sem que tenha havido a produção, e que quanto maior fôr esta, consequentemente tanto será maior aquela.

Almejamos uma liberdade profissional sem restrições, e essa tanto maior será quanto maior for a capacidade intellectual do trabalhador.

Ainda não existe dentro da organização industrial da sociedade burguesa, porque eivada de arcaísmos ela não, está à altura de remodelar nesse sentido, e que uma vez o operário adquirida uma liberdade profissional eleva-se à altura de adquirir as suas liberdades jurídicas e morais, antagónicas com os fundamentos da organização económica actual, baseada na Autoridade e Submissão.

Interessa-nos saber e definir com precisão qual a nossa posição moral em face da hierarquia nos locais do trabalho.

Dizem os moralistas burgueses que não há direitos sem deveres, e nós revolucionários definiremos o conceito de que não há direitos sem deveres, mas também, não há deveres sem direitos. Isto é lógico e racional.

Dentro deste conceito, exigimos os nossos direitos postergados, cumprindo os deveres que nós não exigimos.

Para mantermos as nossas regalias teremos de manter uma constante atmosfera moral e revolucionária que permita termos a força moral para impormos os nossos direitos.

O jovem sindicalista que trabalha tem dentro do local do trabalho um papel de franca rebeldia e propaganda entre os seus companheiros de trabalho. O manifesto, o livro, o jornal, o folheto e todas as demais publicações deve fazer-lhe circular, explicando os assuntos versados aos menos cultos, collocando-se à frente de todas as agitações que se esboçam por parte dos camaradas de officina.

Para isso, ele toma uma attitude irrepreensível sem que abdique da sua ideologia e se submeta a todas as exigências e caprichos.

Existem alguns individuos que afirmam a concordância com as nossas ideias, que dizem que produzindo-se pouco se vai enfraquecendo o capitalismo tornando-o mais fácil de ser combatido.

Puro engano: se todos os trabalhadores assim procedessem, amanhã, ao fazerem a revolução em que estão encontrarmos a riqueza económica?

Dirão que pretendem, enquanto se não faz a revolução, enriquecer a casta exploradora. Sociologicamente está definido que quanto mais próspera for a organização industrial, tanto mais fácil é uma revolução económica.

(Continua)

Caixas-receptáculos domiciliários

Realiza-se hoje, 23, pelas 20 horas, na Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, uma sessão de propaganda do novo sistema de distribuição postal, devendo fazer uso da palavra varias individualidades em destaque no meio telegrapho-postal e outras do nosso meio social.

Nesta sessão, que é pública, será feita a experiência duma caixa receptáculo-domiciliária a fim de que todos os assistentes possam apreciar de perto as vantagens que para o público advém do novo processo de distribuição domiciliária.

A comissão convida a imprensa e todas as demais entidades a quem este importante melhoramento possa interessar.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

ULTIMAS NOTICIAS

A última sessão do Congresso Radical decorreu muito agitada

Um incidente com os representantes da imprensa—A Confederação Geral do Trabalho delirantemente saudada

São 21,30 horas. Na tribuna que se ergue no Gimnásio do Liceu Passos Manuel, o dr. sr. Orlando Marçal, que deve presidir à sexta e última sessão do Congresso Radical, conversa animadamente com alguns correligionários.

Estão presentes pouco mais de 200 congressistas. Minutos depois o estridulo de uma campanha anuncia a abertura da sessão.

Na sala fez-se silêncio. Então o dr. Orlando Marçal agradeceu a honra que lhe conferiram de presidir ao congresso de um partido que orgulhosamente se pode considerar um partido de ordem.

Para antes da ordem da noite inscreveram-se muitos congressistas. Como todos os inscritos quizessem ter a preferência na sala produziu-se agitação.

Falou em primeiro lugar o sr. Procópio de Freitas que enviou para a mesa uma moção em que se advogava medidas de defesa para a marinha mercante portuguesa.

Seguiu-se o sr. Pimenta. Na qualidade de soldado da grande guerra agradeceu a saudação que foi aprovada numa sessão anterior. E acrescenta:

—Quero agora referir-me à forma como a imprensa tem aludido ao nosso congresso. E prosseguindo:

—Alguns jornais disseram que o nosso congresso decorreu tumultuosamente. Um jornalista de um jornal da tarde foi mais longe; disse que o nosso congresso foi igual ao nacionalista.

Um congressista grosseiramente: —O que eles precisavam era de cacete, como no Congresso Nacionalista!

Em virtude desta afronta os representantes da imprensa abandonaram a respectiva tribuna.

Estabeleceu-se então uma grande agitação, quasi tumulto. Os congressistas drs. sr. Orlando Marçal e Lopes de Oliveira e o sr. Arcadio de Matos Silva usam da palavra fazendo justiça a probidade dos representantes da imprensa, e defendendo o principio de independência dos jornalistas. Como neste momento o congresso aplaudisse calorosamente os jornalistas, o congressista que provocou o incidente declarou retirar a sua frase.

Junto dos representantes da imprensa os sr. Procópio de Freitas, drs. Lopes de Oliveira e José de Macedo e o tenente sr. Pissarra dão-lhes todas as explicações. Plenamente desagravados, os jornalistas, depois de uma breve conferência, voltaram a ocupar os seus lugares.

Na sala reboua uma grande salva de palmas.

Sobre o incidente falou ainda o tenente sr. Pissarra que felicita a imprensa e os congressistas pela forma honrosa como foi solucionado o conflito.

O sr. Raúl António da Rocha enviou para a mesa uma moção saudando os correios e telégrafos todas as classes trabalhadoras.

O sr. Nôzes Tavares propôs uma saudação ao Centro Republicano 2 de Fevereiro, em organização.

Ordem da noite: São lidos dois pareceres sobre a tese «Missões laicas e religiosas», um assinado pelos sr. drs. Lopes de Oliveira, Gaspar Machado e Godinho Duarte, que considera perigosa a extinção das missões católicas; outro assinado pelo sr. dr. José de Macedo que defende inteiramente a supressão das missões religiosas e a sua substituição pelas missões laicas.

Defendendo o primeiro dos pareceres falou o sr. Gomes Duarte durante largo tempo. Nenhum dos seus argumentos teve a felicidade de provar a conveniência das missões religiosas junto dos indígenas.

Uma frase do orador: —Eu defendo as missões religiosas e sou livre pensador...

Seguiu-se no uso da palavra o dr. José de Macedo que durante largo tempo e sempre apoiado pelo congresso combateu as missões religiosas. O orador, em reforço da sua doutrina, citou alguns episódios passados em Africa com as missões religiosas.

A concluir: —As missões religiosas só servem para manter uma vida regalada aos padres.

Em deleza das missões religiosas falou durante largo tempo o dr. Lopes de Oliveira. Ao terminar propôs um minuto de silêncio em homenagem à memoria do almirante Capelo.

Voltou a falar o sr. Gomes Duarte explicando que não combate as missões laicas. Não concorda com estas missões por as considerar inextinguíveis.

O congressista sr. Nôzes Tavares, afirma que se as missões laicas não têm dado resultado é porque nunca foram organizadas convenientemente.

Subiu depois ao estrado o sr. Contreiras Júnior, que na sessão de ontem se tinha despedido do congresso. A falar sobre missões religiosas. Algumas frases:

—Eu estou aqui demais. Já ontem me despedi e ainda aqui estou. Meus filhos deram-me licença para estar em Lisboa dois dias. Mas como conheço de perto o que são as missões religiosas, quero falar delas.

E o orador durante alguns minutos, muito indignado, responsabiliza as missões religiosas por alguns desaires militares em Africa. Com grande veemência: —Enquanto os militares morriam, os padres fugiam como lebres corridas atrás dos caçadores...

A terminar: —Eu não estou zangado.

Voltou a falar o dr. José de Macedo. Declarou que não lhe repugna aceitar as missões religiosas, quando elas não importem encargo ao Estado.

Em seguida, com o alvitre do dr. sr. José de Macedo de «que as missões religiosas nunca poderão importar encargo para o Estado», foram aprovados os dois pareceres.

O sr. Abreu Vieira propôs que se realize no mês de Setembro uma conferência do partido para a revisão da lei organica. Com esta proposta foram aprovados dois adiamentos: um do sr. Cesar de Lemos incumbindo de rever a lei organica edite em saparata as emendas e envie essas separatas a todos os correligionários; outro do sr. Nôzes Tavares propondo que essa conferência se realize em Lisboa.

Antes de encerrar o Congresso falaram: os sr. Manuel Pires, António Joaquim de

Magalhães, António Esteves, Almeida Júnior, Oliveira Costa, João José de Oliveira, Sousa Carvalho, Nôzes Tavares e Cesar de Lemos, os quais saudaram os congressistas, os radicais deportados, a imprensa e fizeram votos pela unidade partidária.

O sr. Nôzes Tavares apresentou uma moção de protesto contra as deportações de radicais e operários. Aprovada por aclamação.

Os congressos ordinários do Partido Radical realizam-se há apenas em Lisboa, Porto e Coimbra. Nos outros distritos realizam-se há congressos regionais.

O próximo congresso do Partido Radical realizar-se-há no Porto, em Janeiro de 1927.

O sr. Belmiro de Oliveira Costa apresentou uma saudação à Confederação Geral de Trabalho. Aprovada com uma quente salva de palmas.

Há uma hora de hoje o dr. Orlando Marçal, depois de um pequeno discurso, encerrou os trabalhos do Congresso.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho

Estes operários reuniram ontem tomando novas deliberações em face da morosidade das demarches para a colocação dos mesmos operários. As comissões deram depois conta dos seus trabalhos sendo por fim resolvido que fossem entem mesmo junto do administrador dos Edifícios Públicos, assim como também junto do presidente da Junta Autónoma dos Monumentos Nacionais. Não havendo mais assuntos a

MARCO POSTAL

Alberão. — Cooperativa. — Recebido 2850, ficou pago diário e suplemento até janeiro passado.

Documentos perdidos

Nas imediações da Ribeira Nova, perdeu no sábado Augusto Luz da Silva, trabalhador Marítimo, alguns documentos, entre os quais uma resalva militar, um recibo da taxa militar e a quantia de 18000.

Pede-nos esse camarada que solicitemos da pessoa que porventura tenha encontrado aqueles documentos o favor de lhes remeter para a Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, calçada Castelo Branco Saraiá, 42, ou para a nossa redacção, pois lhe fazem tal falta que o impedem de se matricular para uma viagem e fazer breve.

A questão dos isqueiros

Uma comissão de interessados na questão das acendalhas, vem de enviar à Câmara dos Deputados uma representação em defesa da liberdade de fabricação de isqueiros, sem prejuízo da selagem pelo Estado.

Para este assunto, chamou a comissão a atenção de todas as classes interessadas, tendo dirigido os seus esforços às associações comerciais dos retalhistas de viveres de Lisboa, Commercial dos Logistas de Lisboa e ao S. U. Metalúrgico de Lisboa.

Parece, porém, que nos bastidores desta questão se movem interesses ocultos. Dela trataremos mais de espaço.

A perseguição aos rurais de Cabeço de Vide

FRONTEIRA, 20. — Recordam-se os leitores de que a perseguição que o escravidão faz a um grupo de rurais em nenhuma forma se pode fundar, pois o despeito político é a única causa. A própria força pública que foi requisitada, quando chegou ao local da eleição, não procedeu por não encontrar razões para tal. A responsabilidade dos factos pertence inteira ao presidente da assembleia eleitoral, que colaborou com os desordeiros que empunhavam pistolas. Um dos presos protestou no dia seguinte contra o presidente, provocador dos conflitos, protesto que foi indeferido pelo juiz. Decorridos dias, apareceram nesta comarca muitos monárquicos de Cabeço de Vide, que trouxeram testemunhas subornadas, as quais nada viram.

O escrivão Relvas tem exercido coacções sobre os rurais presos, aconselhando-os a não levantarem o recurso de pronúncia, visto abreviar-se o julgamento, que nunca mais chega, afinal. Quando terminará esta odiosa perseguição? — C.

Mateus, Fonseca, Santos & Companhia

Para os devidos efeitos se publica, por escritura de 15 do corrente, perante mim outorgada, deixou de fazer parte desta sociedade o socio Américo Afonso dos Santos, tendo, porém, outorgado na mesma escritura que o seu nome continue a figurar na firma como até aqui.

Lisboa, 16 de Março de 1926. — O notário, José Pereira de Noronha Galvão.

DONAS

Fabricante de lençóis inaugurou um novo Depósito de todas as qualidades de fazendas de lã, para VENDA DIRECTA AO PUBLICO.

A pedido da sua numerosa Clientela inaugurou a secção de alfaiataria que fica anexa ao novo Depósito, onde todo o Cliente se poderá vestir pelos últimos figurinos.

FATOS EM 24 HORAS
Estalagem a 55500
Especialidade em estalagens de côr e pretas
Enlame-se em estalagens de côr e pretas
Telefones N. 3300-5468

TEM ASCENSOR
Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Dt.º
(Canto por cima da Reloaria Suíça)
Direcção técnica de Guilherme de Almeida Barros

FABRICA

cladinhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIMAS NACIONAIS

SO a grande falta de propagandas tem vindo a fazer-se sentir em Portugal, visto que as limas nacionais, produzidas em Portugal, rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que encontrarão a melhor em todos os pontos estabelecidos de ferragens para.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 6,37
S.	3	13	20	27	Desaparece às 18,51
D.	4	14	21	28	FASES DA LUNAR
S.	1	15	22	29	L. C. dia 29 às 10,00
T.	2	16	23	30	Q. M. " 7 " 11,50
Q.	3	17	24	31	L. N. " 14 " 3,50
					Q. C. " 21 " 5,12

MARES DE HOJE

Praiamar às 10,56 e às 11,39
Baixamar às 3,97 e às 4,26

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid cheque...		2\$76
Paris, cheque...		\$70
Suiza, cheque...		3\$76,5
Bruxelas cheque...		\$80
New-York, cheque...		19\$55
Amsterdão, cheque...		7\$84
Itália, cheque...		\$79
Brasil, cheque...		2\$85
Praga, cheque...		\$58,5
Suécia, cheque...		\$525
Austria, cheque...		2\$76
Berlim, cheque...		4\$66

ESPECTACULOS

Teatros
São Luís. — A's 21. — Os Gaviões.
Nacional. — A's 21.35. — O Amor vence.
Ginásio. — A's 21.30. — Blanca a glória.
Politeama. — A's 21.30. — O segredo do Politeama.
Apolo. — A's 21.35. — O Conde de Monte Cristo.
Renê. — A's 21.35. — O Pão de Ló.
Mário Vitoria. — A's 20.50 e 21.30. — Foot-Ball.
Salão Yoy. — A's 9.15. — Variedades.
Coliseu. — A's 21. — Grande companhia de circo.
Joaquim de Almeida. — Animatografos.
Cinema El Vicente (à Graça). — Espectáculos às 2.ª, 5.ª, sábados e domingos com ematografos.
Teatro D'Almeida. — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Olympia. — Central. — Condes. — Chitão Terres. — Ideal. — Arco Bandeira. — Promotora. — Esperança. — Tortoise. — Cine Paris.

Associação de Socorros Mútuos «A Nova Aliança»

Sede — Rua da Cruz dos Poiais, 33 — Lisboa

Convoca a reunir a assembleia geral para a próxima segunda-feira, dia 29 do corrente, pelas 20 e meia horas, na sede social.

ORDEN DA NOITE

1.ª parte. Leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1925 e parecer do conselho fiscal; 2.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para o aumento da cotização social, ao abrigo do decreto n.º 9038; 3.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para se proceder a reforma da nossa lei estatutária.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 5 de Abril, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 23 de Março de 1926. — O presidente da mesa da assembleia geral, (a) Adolfo Eduardo dos Santos.

Associação de Socorros Mútuos «Onze de Dezembro»

Sede — Rua da Cruz dos Poiais, 33 — Lisboa

Convoca a reunir a assembleia geral para a próxima terça-feira, dia 30 do corrente, pelas 20 e meia horas, na sede social.

ORDEN DA NOITE

1.ª parte. Leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1925 e parecer do conselho fiscal; 2.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para o aumento da cotização social, ao abrigo do decreto n.º 9038; 3.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para se proceder a reforma da nossa lei estatutária.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 5 de Abril, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 23 de Março de 1926. — O presidente da mesa da assembleia geral, (a) Alfredo Mendes.

Associação de Socorros Mútuos «Aliança Universal»

Sede — Rua da Cruz dos Poiais, 33 — Lisboa

Convoca a reunir a assembleia geral para a próxima sábado, dia 27 do corrente, pelas 20 e meia horas, na sede social.

ORDEN DA NOITE

1.ª parte. Leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1925 e parecer do conselho fiscal; 2.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para o aumento da cotização social, ao abrigo do decreto n.º 9038; 3.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para se proceder a reforma da nossa lei estatutária.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 5 de Abril, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 23 de Março de 1926. — O presidente da mesa da assembleia geral, (a) João Rafael de Castro Lages.

Associação de Socorros Mútuos «Monte-Pia Aliança»

Sede — Rua da Cruz dos Poiais, 33 — Lisboa

Convoca a reunir a assembleia geral para a próxima sexta-feira, dia 26 do corrente, pelas 20 e meia horas, na sede social.

ORDEN DA NOITE

1.ª parte. Leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1925 e parecer do conselho fiscal; 2.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para o aumento da cotização social, ao abrigo do decreto n.º 9038; 3.ª parte. Apreciação e votação de uma proposta da Direcção, para se proceder a reforma da nossa lei estatutária.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 5 de Abril, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 23 de Março de 1926. — O presidente da mesa da assembleia geral, (a) Justino Manuel da Silva Corré.

Armazens do Poço do Borratém

Dias, Gonçalves & Dias, Limit.ª
Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de: Pano branco e cru, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisolos, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retorsaria.
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
No vosso interesse visitai a nossa casa
37—Poço do Borratém—38

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA
Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.
VIANA, REIS & NUNES, L.ª DA
FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro
Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Sociedade Nacional de Phosphoros
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL: ESCUDOS 12.000.00\$00
Sede: Rua de S. Julião, 139
Fábricas na Rua do Assucar, Lisboa e Monte da Arrabida, Lordello do Ouro, Porto

Constituída pela Companhia Portuguesa de Phosphoros para o fabrico e venda de phosphoros no Continente e ilhas adjacentes e para exportação para as Colonias Portuguezas e para o estrangeiro

Correspondentes no estrangeiro:
THE SWEDISH MATCH COMPANY — STOCKOLMO
THE ALSING TRADING COMPANY LTD. — LONDRES

Revendedores gerais no Paiz:
NOGUEIRA MARQUES & C.ª — Rua d'Alfandega, 92 — LISBOA
ALVES MACEDO & BORGES, SUCRS. — Rua do Bom Jardim, 77 — PORTO
aos quais deverão ser dirigidas todas as requisições de phosphoros

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Las dos senhores», de Federico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos a administração de A Batalha.

“HERPETOL”

—) Dá um (—
Alívio instantaneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de “HERPETOL” fará desaparecer rapidamente a comição.
O “HERPETOL” CURA. A atestação tem os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do “HERPETOL” é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS HUMIDOS E SECO e ECZEMAS DÚRIS.
Não hesite e compre um frasco de “HERPETOL”, o melhor remédio que até hoje apareceu.
A venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.ª.

A 20 prestações

Sem fiador. Camas, colchoaria, calçado, fazendas, fatos. Abatimento de 10% para operários e empregados do Estado.
Travessa de André Valente, 6. — Avenida Almirante Reis, 62.

ANILINAS
“JACOBUS”
De fabricação alemã
As melhores do mundo!
para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.
Únicos depositários gerais:
Sociedade de Produtos Químicos, L.ª da
Em Lisboa: Campo das Colobas, 43, 1.º
No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º

BICICLETAS
CHANDLER e RALEIGH
Acessórios para todas as marcas
Armando Crespo & C.ª
115 — Rua do Crucifixo — 124 LISBOA

REBUÇADOS PEITORAIS
Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarros e bronquites.
Livres de essências artificiais
Cuidado com as imitações
Pedir em toda a parte
Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados, com o papel imitando o nosso.

Auto protector para evitar a infecção
de todas as doenças venereas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usam o remédio alemão duma efficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar estas doenças.
Cada biscoito com as instruções de usar custa em Lisboa, 700, e com caixa de alumínio, Esc. 600. Para a provincia mais 100 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.
A venda em Lisboa: VARELA E COMPANHIA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 — Telefone Norte 4706
A venda no Porto: VARELA E COMPANHIA, L.ª, rua do Carmo, 123.

Calçado mais barato

BOTAS para homem desde 55\$00. Sapatos para senhora, em verniz, camurça e pelica, por preços muito em conta. Grande sortido em sandálias. R. do Comércio, 99, 21.



Malefas de cabedal

cm.	0,27...	23\$00	0,36...	35\$00
cm.	0,30...	27\$00	0,39...	39\$00
cm.	0,33...	31\$00	0,42...	43\$00

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5333
Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 9 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Viar — 4 horas.
Kila, vias urinares — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fele e sifilia — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto R. — 3 horas.
Ecce e dentes — Dr. Armando Lima — 13 h.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Alex Saldanha — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Companhia Nacional de Navegação

Para Peniche, Porto (Douro) e Leixões
Sairá no dia 31 do corrente o vapor IBO, recebendo carga e passageiros.
Trata-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.
Vapor MOCAMBIQUE
Sairá no dia 15 de Abril para Madeira, São Tomé, Loanda, Aboim, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Mocambique; e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoche, Porto Amélia e Ibo com transbordo.
Vapor PEDRO GOMES
Sairá no dia 1 de Abril para Funchal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (Ambrizete, Boma, Noqui e Landana, com transbordo em Loanda), Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes e P. Alexandre.
Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios: Em Lisboa, Rua do Comércio, 85. No Porto: Rua da Nova Alfândega, 34.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	...	50\$00
Sapatos em verniz	...	50\$00
Botas pretas (grande salão)	...	48\$00
Botas brancas (salão)	...	48\$00
Grande salão de botas pretas	...	50\$00
Botas de côr para homem	...	48\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a "Bica Cast".
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato. A Social Operaria e na rua dos Cavalheiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 26.

HALLA 1

remédio alemão duma efficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar estas doenças.
Cada biscoito com as instruções de usar custa em Lisboa, 700, e com caixa de alumínio, Esc. 600. Para a provincia mais 100 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.
A venda em Lisboa: VARELA E COMPANHIA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 — Telefone Norte 4706
A venda no Porto: VARELA E COMPANHIA, L.ª, rua do Carmo, 123.

23-3-1926
OS MISTERIOS DO POVO
N. 672

conquistadas pelos católicos em várias provincias. Os sucessos da guerra compensam-se entre católicos e protestantes.

A 19 de Dezembro de 1562, os dois exércitos encontram-se próximo a Dreux.

Os católicos são comandados por Francisco, duque de Guise, e o marechal de Santo André. Os protestantes têm por chefes Coligny e o príncipe de Condé.

Após um longo e renhido combate, em que ficaram prisioneiros os chefes dos dois exércitos, as tropas realistas ficaram senhores do campo.

Coligny, mostrando cada vez mais brilhantes qualidades militares de grande capitão, effectua uma retirada em boa ordem, e marcha sobre Orleans, onde se reúne a seu irmão Dandelot, encarregado da defesa da cidade.

Francisco, duque de Guise, concentra todas as suas forças contra esta praça, e vem cercá-la. Mas, a 18 de Fevereiro de 1563, Francisco de Guise leva um tiro de pistola, atirado à queima-roupa por um jovem fidalgo de Angers, chamado "Poltrou de Mére", que queria vingar as vítimas de Vassy.

O duque de Guise pouco sobreviveu à ferida, depois morreu a 24 de Fevereiro.

O almirante de Coligny aproveitou a perturbação que em todos os católicos causara a noticia da morte do duque de Guise para negociar a paz com a rainha.

Comprometia-se ele, em nome dos protestantes, a depôr as armas, se fosse autorizado o exercicio do culto evangélico; o chanceler de França, que se conservára no poder com esperança de atenuar as desgraças de que não tinha podido salvar a França, insistiu com a rainha para que consentisse no que propunha Coligny.

A insurreição devia, como sempre, produzir seus frutos, embora à custa de sangue.

O que os reformados não tinham obtido por supplicas, invocando o direito e a justiça, conseguiram-na pela força.

A 19 de Março de 1563 foi promulgado, em Amboise, um decreto que, até a maioria do rei e às decisões dum concilio permitia a todos, barões, castelões, magistrados, senhores, possuindo feudos, que praticassem livremente, nas suas casas, com as suas famílias e com os habitantes dos seus domínios, a religião que dizem reformada. O culto reformado era também autorizado nas cidades onde se praticava anteriormente ao dia 7 de Março daquele mesmo ano; mas, para o futuro, só seria autorizado numa cidade por cada feudo, sendo completamente prohibido em Paris e em todas as cidades, vilas e aldeias da sua jurisdição. Eram revogados todos os decretos promulgados desde o reinado de Henrique II, anuladas as confiscações de bens ainda não executadas. O príncipe de Condé, o almirante de Coligny e todos os outros chefes e soldados da insurreição protestante eram considerados bons e leais soldados, e nenhuma perseguição por factos anteriores devia ser intentada contra elles.

Este decreto, a-pesar-de muito cheio de restrições, foi lealmente aceite pelos huguenotes; mas exasperou a Igreja e o partido católico.

O chanceler Miguel do Hospital foi acusado de sacrilega tolerância com a heresia. O parlamento de Paris só consentiu depois de grande discussão que este decreto fosse registrado. Alguns parlamentos das provincias nem se quer o quiseram promulgar.

A viúva do duque de Guise, seu irmão o cardeal, a família e os partidários, accusavam o almirante Coligny de ter subornado o assassino de Francisco de Guise, e fomentavam de novo a guerra civil, pedindo a Catarina de Médicis que mandasse instaurar processo contra o almirante.

O papa lançava novos anatemas contra os protestantes; um concílio reunido em Trento reconhecia o poder supremo do santo padre sobre toda a Igreja de Roma.

Filipe II offeria aos católicos o seu oiro e o apoio das suas armas.

Nos princípios do ano de 1564 chegava a França uma embaixada enviada em nome do papa, do imperador, do rei de Espanha e do duque de Saboia, para convencer o jovem rei Carlos IX a que aceitasse os decretos do concilio de Trento; se submettesse às ordens da Igreja e revogasse o edito de Amboise.

O edito de Amboise, diz Lanoue nas suas memórias, tinha causado em França um contentamento universal; todavia, o odio e a inveja dos católicos, a desconfinça dos reformados, não tinham desaparecido, mas conservavam-se às ocultas, como esperando ocasião de se mostrarem.

Os principais da religião, que olhavam tanto para a própria conservação como para a doutrem, sabiam e diziam que o que se queria era miná-los pouco a pouco, para depois se lhes dar inesperadamente o golpe mortal; e para isso alegavam diversas causas umas aparentes e outras secretas.

As primeiras consistiam no desmantelamento das cidades onde dominavam os reformados, na construção de fortalezas nos lugares onde eles praticavam o seu culto; enfim, os morticínios que, em muitos lugares se cometiam outra vez, e os assassinatos de fidalgos assinalados como chefes protestantes, crueldades contra as quais nunca fora possível obter justiça. Os católicos repetiam a toda a hora que brevemente os da religião reformada não fariam com tanta arrogância; enfim, notava-se numerosos alistamentos de suíços no exército real.

Quanto às causas secretas, falava-se de cartas interceptadas, vindas de Roma e de Espanha, em que se descobriam todos os planos dos católicos: a resolução tomada em Bayonna (em uma entrevista de Catarina de Médicis com o duque de Alba, ministro do sanguinário Filipe II) de exterminar todos os huguenotes de França e de Flandres.

Todas estas coisas, e outras de que não quero falar agora aqui, eram bastantes para que os deus sabiam estivessem sempre prevenidos para não serem tomados de assalto.

Houve muitas reuniões de chefes reformados, a-fim de discutir os expedientes honestos e legítimos de que era licito lançar mão antes de recorrer às últimas extremidades em defesa da vida e da fé. Afinal, por conselho do almirante de Coligny, a todos foi pedido que tivessem paciência em negócios tão graves, e que, como dizia o almirante, traziam tantos males consigo, é melhor ceder à necessidade que se impõe, do que correr ao encontro dos factos pela precipitação da vontade.

Mas em breve se soube, pelo príncipe de Condé e pelo sr. Coligny, que um personagem da corte muito afecto à nova religião lhes dissera que tinha havido um conselho secreto, presidido pela rainha, onde se tinha deliberado prender os dois chefes protestantes, matar Coligny, mandar o príncipe de Condé para uma prisão, revogar o edito de Amboise e tornar a proibir o culto da religião reformada.

Os mais exaltados e impacientes dos protestantes diziam:

—Então querem esperar que os católicos nos venham amarrar pés e mãos? Teremos já esquecido que mais de três mil dos nossos morreram de morte violenta depois da paz de Amboise, sem que tenhamos podido obter justiça? Os nossos pais tiveram paciência durante mais de quarenta anos, durante os quais sofreram mil supplicios em nome de Jesus Cristo, cuja causa também nós defendemos. Tomemos, pois uma resolução pronta: perdendo-nos, perderíamos uma imensidade de gente.

Lanoue diz a verdade: a-pesar-do edito de Amboise, os católicos recomçavam a assassinar protestantes nas cidades onde estes eram em menor número; estes assassínios, que ficavam impunes e eram aconselhados publicamente pelos frades nos seus sermões, levaram os reformados a tornar a pegar em armas para defenderem as suas vidas.

Os chefes resolveram arrancar a rainha e o rei aos seus funestos conselheiros, especialmente aos ita-



O Congresso do Partido Radical protestou contra as deportações, manifestou a sua repulsa pelas violências praticadas pelo Alto Comissário de Moçambique e pronunciou-se pelo reconhecimento jurídico da C. G. T.

Proseguiram com grande animação, no passado domingo, no *gimnasio* do liceu Passos Manuel, os trabalhos do Congresso do Partido Republicano Radical.

A terceira sessão, que teve início às 15 horas, assistiram mais de 500 congressistas. Presidiu o dr. sr. Pita Simões e secretariaram os srs. António Oliveira, de Leiria; Contreiras Júnior, de Faro; Américo Cardoso, do Porto, Augusto Pereira Sampaio de Braga.

Antes da ordem inscreveram-se muitos oradores.

O primeiro congressista a falar foi o sr. Manuel Guinot que protestou contra o tratamento infligido aos republicanos radicais, enquanto se protege escandalosamente os monárquicos.

Esse procedimento tem justificação. O Partido Democrático não lhe convém a purificação da República, porque quando isso se der os homens que dirigem esse partido terão que responder pelos seus crimes.

Depois com veemência:

—Ainda não se apagou de todos os liberais os crimes do Partido Democrático. A nós ainda não nos esqueceu que a polícia, assassinou nos Olivais dois operários; ainda não nos esqueceu que a guarda republicana assassinou em Silves um honrado corticeiro; ainda não nos esqueceu que nas ruas de Lisboa foram assassinados dois operários quando eram conduzidos sob prisão.

—Se ainda não se apagaram os últimos vestígios dessas grandes monstruosidades, como poderão ficar sem os nossos protestos os crimes do Partido Democrático?

O orador termina a sua exposição enviando para a mesa uma moção de protesto contra as deportações dos revoltosos de Almada e pedindo o seu imediato regresso.

O sr. Contreiras Júnior:

—Quero referir-me, em primeiro lugar, às afirmações do jornal *A Época* que acusa os republicanos esquerdistas de bolchevistas.

—Se os esquerdistas são bolchevistas, como devem ser classificados os radicais?

Uma voz:

—De super-bolchevistas!

Proseguindo, o sr. Contreiras Júnior diz que na sessão de ontem o dr. sr. Veiga Simões asseverou que não lhe dera a palavra ao iniciarem-se os trabalhos.

Afirmações do orador:

—Não é verdade! O dr. Veiga Simões não falou naquela altura porque não quis. «Lamento que o dr. Veiga Simões tivesse retirado, porque entre nós seria muito útil.

O sr. Eugénio Vieira:

—Pois eu não lamento! Há protestos. O presidente pede ordem, mas não é atendido.

O barulho aumenta. Então o presidente muito indignado, exclama:

—Os senhores são militares. Por isso deviam ser os primeiros a manter aqui a máxima disciplina.

Com esta observação caiu Troia. Produz-se grande agitação.

Serenados os ânimos usou da palavra o sr. Sousa Azevedo que, num violento discurso, atacou a política de António Marang da Silva fazendo deportar indivíduos que estavam entregues ao poder judicial.

Termina propondo a nomeação de uma comissão de seis membros que ficará com o encargo de processar o sr. António Marang da Silva pelos seus abusos do poder.

O sr. Américo Cardoso, em nome das comissões políticas do Porto, saudou os seus correligionários de todo o país.

O sr. José de Freitas enviou para a mesa uma moção em que se restabelece o princípio de que os indivíduos com responsabilidades ministeriais e que pertenceram a outros partidos, só poderão ingressar no Partido Radical quando um congresso partidário assim o resolver.

Falaram sobre este documento o sr. José de Macedo e outros congressistas, sendo em seguida aprovada a moção do sr. José de Freitas.

Em nome da comissão que foi a Belém saldar o presidente da República, falou o sr. Procópio de Freitas que informou a assembleia de que o dr. Bernardino Machado declarara ao orador que estimaria muito que o Partido Radical fôsse um partido constitucional.

Proseguindo:

—É necessário que o Partido Radical afirme em público quais são os seus principais objectivos, para merecer a estima de todos.

—Sem opinião pública nenhum partido se pode manter.

Um congressista:

—Mas o Landru mantém-se sem opinião pública.

O sr. Procópio de Freitas termina aconselhando os congressistas a que aproveitem o melhor possível o tempo que falta, discutindo apenas os assuntos que possam interessar o partido.

Porque tivesse expirado o período antes da ordem, levantou-se novo borbórinho em virtude de alguns congressistas quererem falar sobre assuntos que não estavam incluídos na ordem do dia.

O presidente torna a impôr a sua autoridade de militar. Há protestos.

O congressista sr. Arcadio Matos Silva.

—Senhor presidente: V. Ex.ª não está a presidir na qualidade de congressista. Está a presidir na qualidade de congressista. Depois com grande veemência:

—Senhor presidente. Nós não somos alunos do liceu Passos Manuel. Nós somos todos congressistas. É preciso que isso fique bem científico!

—Desde o congresso de Coimbra que eu discordo da eleição para o Directório do dr. Veiga Simões. Ele nunca devia ser eleito porque corria pelo ministério dos Estrangeiros um inquérito aos seus actos, qual ministro em Berlim.

O dr. Veiga Simões tem erros, é certo. Mas quem é dos presentes que não tenha prevaricado? Há alguém?

O dr. Lopes de Oliveira:

—Há! Há! Eu! Eu! Há! Há! Eu!

O sr. José de Freitas termina as suas considerações lembrando que não é ao congresso que compete pedir ao dr. Veiga Simões para voltar ao congresso.

E a terminar:

—Se algum congressista do seu alvedrio quizer convidá-lo, que o faça!

Sobre o mesmo assunto falaram o dr. Gonçalo Casimiro e os srs. Augusto Pereira Sampaio e Tomás Lopes Teixeira.

O discurso deste congressista provocou grande hilariedade. Algumas frases.

—O sr. Veiga Simões tem muitas simpatias em Setúbal. É uma pessoa muito inteligente...

—Eu como trabalhador estou dentro do Partido Liberal para reivindicar os meus direitos.

—Quando eu verificar que não consigo materializar os meus objectivos vou para minha casa, para dentro da minha mulher e dos meus filhos!

Risota geral.

Um congressista, no meio de indescritível barulho:

—Senhor presidente: são 17 horas e ainda não entramos na discussão dos trabalhos propostos para a ordem do dia.

A personalidade do dr. Veiga Simões continua em discussão.

A certa altura surgiu na mesa um requerimento do sr. Abreu Vieira dando o assunto por discutido, com prejuízo dos oradores inscritos.

Este requerimento foi aprovado. No entanto falaram ainda os srs. Justino Soares e Procópio de Freitas os quais discordaram da moção.

Na sala reboou uma nova salva de palmas. A falar o dr. Orlando Marçal.

Algumas frases do seu discurso:

—Não fencionava tomar parte neste incidente. Circunstâncias várias obrigam-me a falar para vos dizer que me solidarizo com o Directório. Fiz parte dele, participei das responsabilidades inerentes ao seu exercício. Se o Directório teve erros, desses erros também eu sou responsável.

—Quer esta declaração dizer que eu esteja de inteiro acordo com todos os actos do Directório? Não! Queria apenas dizer que fazendo eu parte do Directório sou responsável como todos os seus membros.

Referindo-se ao dr. Veiga Simões declarou:

—Não julgo de boa doutrina o congresso solicitar do dr. Veiga Simões o regresso à actividade partidária.

—O dr. Veiga Simões tem que sair do país. Seria uma tirania exigir-lhe que prejudicasse a sua vida profissional em benefício do partido.

O orador, que foi muito aclamado, terminou as suas considerações aconselhando a máxima unidade partidária.

Depois do discurso do dr. Orlando Marçal falou o sargento Videira que pediu à assembleia para retirar a moção que deu origem a toda esta agitação.

Retirado aquele documento entrou-se na ordem do dia: discussão da tese «Alianças políticas», cuja leitura foi feita pelo dr. José de Macedo.

Pela doutrina desta tese o Partido Radical «mantém-se absolutamente intransigente perante os outros partidos ou grupos políticos; aceita, no entanto, o princípio de colaboração dos partidos da esquerda, para uma acção comum momentânea, mas sem confusões de programas ou processos.»

Iniciou-se depois a discussão da tese.

O dr. Lopes de Oliveira disse que a tese do dr. José de Macedo é tão inteligente que o congresso a devia aprovar por aclamação.

O dr. Gaspar Machado garantiu que o Partido Radical é a única reserva moral da República. Por isso ele é pequeno em quantidade, mas grande em qualidade. Se o Partido Radical fôsse um partido de corrupção muito maior seria o seu número.

Falou o tenente sr. Justino Ferreira que procurou demonstrar que as alianças preconizadas pela tese em nada prejudicam o Partido Radical. Pelo contrário. Com essas alianças o partido conseguirá o que até à data não conseguia.

O discurso do sr. Américo Cardoso, que se seguiu no uso da palavra, provocou vivos protestos de alguns delegados do Norte.

Algumas afirmações do orador:

—Há muitos indivíduos que para levarem a água ao moinho das suas conveniências se afirmam radicais. Todavia nos seus actos, nas suas atitudes são a antítese do que deviam ser.

Outra frase:

—A força esquerdistas do Norte compõe-se na maioria de indivíduos que pertencem ao Partido Radical.

Tomou depois o uso da palavra o sr. Manuel Soares da Costa que propôs ao congresso para que ao Directório fossem dados plenos poderes para realizar a fusão do Partido Radical com qualquer partido ou grupo que mantinha pontos afins com o programa partidário.

O sr. Manuel Guinot combateu a fusão com qualquer pessoa ou grupo que tivesse aplaudido as deportações sem julgamento.

Há nova agitação na sala. Houve um momento em que falaram ao mesmo tempo três congressistas...

O presidente, que consegue fazer o prodígio de conservar no mesmo olho três monóculos, increpa o congressista sr. Nozes.

O sr. Arcadio Matos Silva:

—Senhor presidente: esse congressista não é militar, é civil!

O presidente ameaça retirar-se.

A discussão agora incide sobre a fusão do partido com outros partidos ou grupos.

Sobre o assunto falam: os srs. tenente Freitas e José de Sousa. O último orador propôs que o Partido Radical nunca fusasse com a esquerda democrática.

Por último, por proposta do dr. Lopes de Oliveira, foi aprovada por aclamação a tese «Alianças políticas».

Antes encerrar, o presidente, à guisa de

penitência, declarou que, devido à agitação que se tem verificado no decorrer dos trabalhos, por vezes proferiu frases que de certo modo feriram susceptibilidades.

Alguns congressistas que tencionavam referir-se ao assunto manifestam-se regojados com as declarações do presidente.

Por proposta do sr. Arcadio Matos Silva foi resolvido enviar ao tenente-coronel Justino Esteves um telegrama de saudação.

Foi também aprovado um voto de sentimento pelo passamento dos revolucionários radicais.

Quarta sessão

A eleição do novo Directório provoca grande bulício

A sessão mais movimentada do Congresso do Partido Republicano Radical, foi a quarta.

E o motivo explica-se. Numa sala contígua ao *gimnasio* do liceu Passos Manuel elegia-se o Directório e a Junta Consultiva do Partido, o que determinou um grande ruído na sala das sessões com a entrada e a saída dos congressistas que iam depor na urna o seu voto.

Depois as habituais combinações de grupos para decidirem qual das três listas apresentadas deveria vingar, davam motivo a que o sussurro aumentasse...

No meio de todo este barulho, cerca das 22 horas, o coronel sr. Alexandre Mourão dava início aos trabalhos do Congresso.

O primeiro congressista a falar foi o sr. Justino Ferreira que se insurgiu contra o facto de na mesma ocasião se estar realizando a eleição numa outra sala.

Este facto, insinuou o orador, inibe os congressistas de fiscalizarem o acto eleitoral.

Esta declaração deu motivo a vários protestos.

Entretanto, a eleição prosseguia e o sr. António Magalhães, de Cantanhede, tomou uso da palavra para apresentar uma extensa proposta em que se reclama para a terra da sua naturalidade várias melhorias.

O sr. Eugénio Vieira:

—Eu sou um soldado disciplinado do Partido.

Uma voz:

—Não apoiado.

O orador:

—Eu sou um soldado disciplinado e por isso respeitarei as indicações da mesa.

«A minha alma de artista obriga-me a divagar sobre o passado porque ele forneceu-nos admiráveis ensinamentos...

E o orador durante alguns minutos fala de si, de Cícero e da filosofia...

Quando este congressista iniciava o combate à religião católica expirava o prazo concedido a cada orador. Esse facto deu motivo a que o sr. Eugénio Vieira fizesse terminar as suas considerações.

O sr. Décio Coutinho leu uma moção de saudação à viúva e filhos de Carvalho de Araújo. QUINTOS aplausos.

Falou a seguir o dr. Lopes de Oliveira sobre o problema dos tabacos. O orador, depois de se referir largamente ao monopólio privado e à «Régle» apresenta uma moção em que se defende o regime livre dos tabacos e a liberdade industrial e comercial.

Foram nomeados para a comissão que deve processar António Marang da Silva, os srs. sr. Orlando Marçal, Gonçalo Casimiro, Lopes de Oliveira, Vergílio Proença, e sr. Alfredo de Sousa Azevedo e Pita Simões.

Entrou-se depois na ordem da noite.

O sr. Pita Simões leu a sua tese «Questão económica-financeira e tributária», documento em que se advoga algumas medidas de carácter financeiro.

Seguiu-se a leitura de um trabalho do sr. Leão Cabreira: «Regime de Contabilidade Pública».

Por esta tese o Partido Radical defenderá a reorganização dos serviços públicos e admissão, por concurso, de funcionários públicos.

O dr. sr. Sampaio de Andrade, com grande cópia de argumentos, relatou a sua tese: «Pecuniária Nacional».

É um interessante trabalho em que se defende a pecuniária nacional, aproveitando-se o melhor possível os efectivos de várias espécies a fim de prover-se todas as necessidades públicas—alimentares e de tracção.

Imediatamente à sua leitura, o dr. Orlando Marçal propôs para que a tese fosse aprovada por aclamação, dispensando-se de a submeter ao estudo da comissão de pareceres. Aprovado.

Por sua vez o sr. Abreu Vieira propôs que o novo Directório faça editar em folheto o trabalho do dr. Sampaio de Andrade. Fortes aplausos.

O sr. Francisco Paiva mandou para a mesa uma moção de protesto contra as perseguições que os superiores dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste estão movendo aos ferroviários avançados.

Foi nomeada uma comissão para dar parecer sobre as teses, a qual ficou composta pelos congressistas srs. Pita Simões, Sousa Azevedo e drs. Gonçalo Casimiro, Orlando Marçal, Lopes de Oliveira e Vergílio Proença.

O sr. Justino Ferreira, depois de larga justificação, enviou para a mesa uma moção em que se advoga a remodelação da lei orgânica do Partido.

Ao terminar o orador protesta contra a continuação do monopólio de Nyassa.

O sr. Eugénio Vieira informa o congresso que o Grupo de Combatentes pela República já protestou contra esse monopólio.

São aprovadas saudações aos srs. Magalhães Lima e António José de Almeida.

Quasi ao terminar subiu ao estrado o congressista sr. António Ramos.

Queriu falar, ocupar-se dos problemas que interessam ao Partido.

E o sr. António Ramos falou dos «problemas nacionais internos e externos, das medidas e dos balanços que interessam ao Partido».

O orador muito exaltado.

—Intrujam o povo prometendo-lhe balcão a pataco...

Vozes:

—V. ex.ª é radical ou pertence ao Partido Democrático.

O orador:

—A minha voz não se dirigiu a v. ex.ª...

E o barulho aumenta.

O orador abandona o estrado e junto à mesa dos representantes da imprensa exclama.

—Analfabetos!

O sr. Sousa Carvalho propôs que se reclame contra a forma como se está procedendo na apreensão de isqueiros e outras acendalhas.

Aprova-se por aclamação uma saudação aos mutilados da guerra.

O sr. Nozes Tavares leu à assembleia uma proposta que advoga a criação de uma Bolsa de Trabalho para os operários desempregados.

Para a manutenção da referida Bolsa, o orador entende que se deve endossar uma contribuição aos indivíduos que tenham operários sob a sua direcção.

Antes de encerrar o sr. Pissarra protesta contra o facto de se ter introduzido na sala um indivíduo com o propósito de ir votar.

Como esse acto torna ilegal a eleição que na sala ao lado se está realizando o orador julga do seu dever denunciá-lo.

Afinal verifica-se que não tinha fundamento a informação que forneceram ao sr. Pissarra, a qual determinou o seu protesto.

A hora de encerrar a sessão—1 hora de segunda-feira—prosegue a eleição do Directório, cujo resultado só deve ser conhecido depois das 3 horas.

As 4 horas foi lido o resultado da votação, verificando-se terem sido eleitos para o Directório:

Efectivos—Dr. Lopes de Oliveira, dr. Carlos de Lemos, Martins Júnior, Francisco Henrique Xavier Pereira, Cesar Procópio de Freitas, dr. João de Mira e Sousa e dr. Amadeu Rodrigues.

Substitutos—Vergílio Lusitano, João de Sousa Carvalho, Santos Pereira, dr. Alberto Ruela, dr. Alexandre Barbas, Lister Franco e Aires Frederico Mesquita Spranger.

Em seguida procedeu-se ao apuramento dos votos para a Junta Consultiva que terminou já de manhã, considerando-se eleita a seguinte lista:

Efectivos—Dr. Almeida Azevedo, dr. Orlando Marçal, dr. Gonçalo Casimiro, Tomás da Fonseca e Mariano Lopes Pita Simões.

Substitutos—Alexandre Mourão, Carvalho Araújo (pai), dr. Magalhães e Menezes, Alvaro Leão Prestes Cabreira e Elias José Gavinho.

Quinta sessão

Reclama-se o reconhecimento jurídico da C. G. T. e protesta-se contra as violências do Alto Comissário de Moçambique

São 15 horas e o *gimnasio* do liceu Passos Manuel tem pouco mais de 100 congressistas.

Alguns dos assistentes comentam desfavoravelmente o resultado da eleição do Directório, que concluiu de madrugada.

Outros congressistas dirigem-se à bancada da imprensa pedindo aos *reporters* que rectifiquem as suas notícias na parte em que elas se referem à agitação que se tem produzido na sala.

Uma frase de espírito dum nosso colega.

—Os senhores com o entusiasmo nem têm reparado na zaragata...

Entretanto, novos congressistas vão entrando na sala de sessões e pouco depois assume a presidência o dr. sr. Joaquim Pereira Sampaio, do Porto, que convida para secretários os srs. Francisco Baptista, da Moita; Salvador Mendes de Moura, de Sintra; Carlos de Jesus Castela, de Setúbal; Lourenço Sousa Machado, de Mertola.

Iam começar os trabalhos da quinta sessão, o presidente, antes de entrar-se no período antes da ordem, toma uso da palavra e aconselha os congressistas a manterem a máxima cordura como convem a um partido de ordem.

Lidos alguns telegramas de saudação, o sr. Gomes Duarte enviou para a mesa uma moção em que se advoga várias medidas coloniais, segundo o orador, de interesse nacional.

O sr. Gomes Duarte depois da leitura da sua moção borda algumas considerações sobre a escolha dos altos comissários, afirmando que o único indivíduo com competência para o Alto Comissário de Angola é o sr. Jaime Morais.

O sr. Gaspar Machado manda, também para a mesa uma moção denunciando o perigo a que representa para o país com a escolha de alguns indivíduos para os cargos de Alto Comissário.

O sr. António Pedro Simões fala sobre as percentagens a distribuir às comissões políticas. Apresenta uma moção nesse sentido.

O sr. Pita Simões ocupa-se do mesmo assunto, declarando que não pode aceitar a doutrina da moção, muito embora não concorde com a forma como têm sido distribuídas as percentagens.

Esse assunto deve ser tratado quando se discutir as alterações à lei orgânica:

O sr. Abreu Vieira, enviou para a mesa as duas moções que vão ler-se:

«Considerando que o Partido Radical, e um partido que pelo seu programa deve ir de encontro às aspirações do proletariado; Considerando que em Portugal a organização operária não tem funções jurídicas.

Considerando que se torna necessário modificar a lei de 9 de Maio de 1896 pela qual se regem os sindicatos profissionais e associações de classe.

Considerando que se torna urgente e necessário reconhecer as Câmaras Sindicais de Trabalho, federações de indústria e C. G. T.:

O Congresso do P. R. resolve: Que uma vez o partido não poder reforme a lei de 9 de Maio dando capacidade jurídica às organizações acima citadas.»

«Considerando que o Alto Comissário de Moçambique, segundo a orientação dos governos da Metrópole, está exercendo a perseguição sobre a classe ferroviária de Lourenço Marques.

Considerando que dessa perseguição tem resultado a maior desorganização nos serviços ferroviários da colónia.

Considerando que o sr. Azevedo Coutinho tem feito deportações de indivíduos para a metrópole e outras possessões ultramarinas operários cujo crime é o de tomarem a defesa dos grevistas.

O P. R. R. reúnem em Congresso resolve protestar contra todas essas violências e

exige do governo que ao Alto Comissário seja pedida responsabilidade dos seus actos».

O sr. Contreiras Júnior, do Algarve, ofereceu aos correligionários a sua casa para passarem uns dias...

Uma voz:

—Já sei aonde hei de passar o verão...

O sr. Eurico protesta contra o facto de um jornal ter chamado videirinho ao seu correligionário sr. Videira.

Pelos radicais da Figueira da Foz, o sr. Cândido Ventura apresentou uma extensa proposta na qual se reclama uma vigorosa repressão à vagagem.

Entrou-se depois na ordem do dia.

O dr. Orlando Marçal apresentou a sua tese «Reformas penal, prisional e judiciária». É um interessantíssimo trabalho onde o falante do conhecido jurista se afirma eloquentemente:

Neste documento proclama-se:

«O criminoso, conforme as teorias modernas, é um determinado à prática do delito e, assim, é necessário adaptá-lo às necessidades sociais; propunha o aproveitamento do trabalho de todos os reclusos, reformando inteiramente as penas e as prisões, substituindo estas por áreas prisionais agrícolas comarcas; propõe uma vasta reorganização judiciária consentânea com as exigências do momento, remodelando os tribunais para que os processos não tenham a morosidade conhecida, e a promulgação dum código de processo criminal a fim de proteger e a fim de garantir a liberdade do cidadão, evitando todos os atropelos e efectuando o *habeas corpus*; impõe a independência do poder judicial, salvaguardando a magistratura da parca situação financeira em que se debate; reconhecer a razão que o funcionalismo judicial tem nas suas constantes reclamações respeitantes a ordenados e regalias; adaptar às necessidades do momento a lei do inquilinato, garantindo os interesses e direitos dos senhores e inquilinos, etc.»

Seguiu-se, pelo dr. José de Macedo, a leitura do parecer sobre as teses dos srs. Alvaro Cabreira e Pita Simões, teses apresentadas nas sessões anteriores.

O